O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS

O desafio Lisboa-Porto

O grande acontecimento desportivo do dia é o encontro entre os grupos que representam as nossas duas primeiras cidades. Lisboa foi derrotada no ultimo jogo com o Porto, e hoje, o entusiasmo e a espectativa pelo *match* interessam todo o paiz. Eis os dez homens que com o *Keeper* Vieira defendem as redes de Lisboa

O DOMINGO ilustrado

ANO I N.º 2

LISBOA 25 DE JANEIRO DE 1925

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — Rua D. Pedro V, 18 — EDITOR E DIRETOR-GERENTE EDUARDO GOMES — IMPRESSÃO: 99, Rua da Rosa, 101

écos

SAIU o primeiro numero do «Domingo Ilustrado», obtendo um enorme êxito de venda e de assignatura. Esgotaram-se por completo as duas primeiras edições, tendo o jornal chegado a ser vendido mais caro do que o seu preço de capa. Reservámos apenas alguns centos de exemplares para os futuros assinantes que desejem o numero um e temos recusado todos os pedidos de venda avulso.

E' uma primeira victoria — mas que não nos envaidece. Muito ao contrario, mantemos a opinião de que o primeiro numero vem com muitas deficiencias que corrigiremos pouco a pouco. Por hoje, agradecemos com reconhecimento as boas palavras dos nossos colegas da imprensa e faremos por honrar-lhes a camaradagem, ficando desde este momento ao seu completo dispôr.

AOS LEITORES

A todos os nossos leitores pedimos que mantenham com este jornal um intimo contacto.

Sempre que uma correcção lhes pareça precisa, que um alvitre lhes pareça oportuno, venham até nós, na certeza de que esta folha é de todos os que nos lêem, mais do que de quem a dirige.

Aos colaboradores que às dezenas, nestes primeiros dias, se nos teem vindo oferecer e nos enviam colaboração, agradecemos o esforço e a amabilidade. Temos, porém, completos os quadros de redação e administração. Os seus pedidos ficarão para na primeira oportunidade serem satisfeitos.

Cruzam as ruas, à mais movimentada hora, debaixo de escolta, civis e militares. E' um espectaculo aviltante, desolador.

Quando acabará essa vergonha?

LIGAS

— Vou organisar uma liga feminista contra a queda dos ministérios!
— Porque não organisa, a senhora, antes uma liga contra a queda das meias? (Des. de Manuel Gameiro).

questão prévia

O segundo numero do «Domingo Ilustrado» coincide, na sua publicação, com o inicio da «Semana de Vasco da Gama», semana que, conforme o decreto respectivo, começa hoje, 25, e termina a 30, creio que improrogavelmente.

Esta invenção oficial duma semana de seis dias, dentre os quais só quatro estão compreendidos no programa comemorativo, constitue, sem duvida, a mais impressionante homenagem à memoria do descobridor do caminho maritimo para a India, sobre cuja morte quatro seculos exactos passaram no dia de Natal ultimo.

Compreende-se sem esforço o que ha de especial deferencia neste acto do governo, de reduzir, em homenagem a Vasco da Gama, o numero tradicional de dias duma semana. Com efeito, as semanas de sete dias são umas semanas vulgares, para uso de todos nós, pobres diabos, incapazes de descobrir qualquer caminho, por menos maritimo que seja. Para o homem de rijo animo, vontade firme e clara inteligencia, que levou de vencida, como espuma ligeira na prôa de suas naus, os terrores e misterios do mar tenebroso, só uma semana especial, feita por medida.

Direis que, guardando as proporções dos meritos e das façanhas do glorificado, seria mais logico, seguindo este criterio semanal, decretar uma «Semana de Vasco da Gama» com alguns dias a mais do que a semana ordinaria. Razões de Estado a isso se devem ter oposto, porque, como é constitucional, os poderes são independentes e não pode o executivo intervir nas funções, regalias ou privilegios do legislativo. Qualquer medida governativa, tendente a criar uma semana mais ampla, poderia perturbar as atribuições do Parlamento, que se reservou o uso exclusivo da semana de nove dias para a realisação daquela alva de miraculoso resurgimento nacional, ha tanto tempo acalentada ao seio da representação nacional.

* *

A Roma pontifical, a Inglaterra, creio que outras nações mais, ouvindo falar em centenario e em Vasco da Gama, nome que enche o mundo como marco miliario da civilisação contemporanea, apressaram-se a enviar os seus representantes à comemoração. As salvas dos canhões e os tropos dos embaixadores vão memorar o homem que ligou o oriente ao ocidente e que pelo seu feito se tornou crêdor da grata admiração dos povos.

Infelizmente, porém, o programa comemorativo não é proporcional nem à gloriosa memoria do navegador, nem ao aspecto de apoteose internacional que as representações estrangeiras veem imprimir à comemoração do quarto centenario da morte de Vasco da Gama, 1.º Conde de Vidigueira e 1.º almirante do Mar das Indias. Uma pobresa franciscana caracterisa esse programa, em que parece ter havido a especial preocupação de arranjar ensejos para discursos, que sejam pretexto para a exibição daquele implicante adjectivo «racico», que ultimamente se instalou, como em terreno conquistado, na retorica falada e escrita.

Lá figura, tambem, entre as inevitaveis sessões mais ou menos solenes, o fatal lançamento duma primeira pedra, cerimonia a que somos tão afeiçoados que creio não exagerar dizendo que ha para aí alguns monumentos que já teem duas ou tres primeiras pedras lançadas sem que, contudo, tenha surgido do solo um simples pedestal, onde venham a assentar os pés de bronze dos herois glorificados.

E' lamentavel que á memoria do Gama, que nas estancias dos «Lusiadas», assume proporções de semi-deus, as gerações presentes ergam como padrões de gloria aquele deslavado decreto da semana de seis dias e é lamentavel, principalmente, porque aos olhos dos estranhos, como aos nossos, nos revela como povo de consciencia colectiva, que, embora tenha o orgulho dos seus herois, mostra não os amar e sentir em toda a grandeza dos seus feitos.

E quem achar que eu não tenho razão, que faça o que vão fazer a Vasco da Gama: que me lance a primeira pedra.

* *

Nesta altura pode haver quem júlgue que eu atravez destes comentarios ligeiros, deseje contribuir para a comemoração por esta forma bem portuguêsa: dizendo mal. Ora eu empenho-me particularmente em não dizer mal, mas em dizer justo, o que é diferente, embora entre nós seja ponto assente que tudo que não fôr elogio descabelado é má lingua.

Como, pelo menos desde 1824, se sabia que em 25 de Dezembro de 1924 passava o 4.º centenario da morte de Vasco da Gama, natural seria que ha mais tempo se tivesse começado a pensar em comemoração condigna de tal data. Ora a verdade é que a iniciativa particular para este efeito só teve sanção oficial em Outubro do ano findo, pela nomeação da comissão organisadora e por mais ardente actividade que essa comissão desenvolvesse não lhe teria sido possivel, mesmo que os ministros das Finanças tivessem facilitado os creditos necessarios, produzir obra á altura do fim que se propunha.

Fôra eu a comissão e talvez nem tão pormenorisado programa tivesse apresentado ao governo, limitando-me a pedir-lhe a publicação dum decreto, obrigando os cidadãos, a certa hora do dia 25 de Dezembro, a parar nas ruas e a dizer-se mutuamente, com ar compungido:

—Então, lá faz hoje quatrocentos anos que morreu o pobre Vasco da Gama, hein?

Ao que o cidadão interpelado responderia:

— E' verdade! Parece que ainda foi ontem e já lá vão quatro seculos!...

Ao menos, esta feição declaradamente familiar da morte do navegador glorioso tinha a vantagem de não implicar a vinda ao Tejo de cruzadores estrangeiros.

FELICIANO SANTOS

Má lingua

A TALHE DE FOICE

A "Seara Nova„ é já uma coisa antiga,
uma aguerrida associação
que, para honrar o nome que lhe dão,
de longe em longe dá uma espiga,
— destas "espigas„ que não rendem pão...
Às vezes é Raul, o Grão-Proença!
(Peço perdão.
A gente tambem diz o que não pensa
quando se entrega à inspiração;
e é tolice chamar-lhe o Grão-Proença
se já vimos que a Seára não dá grão...)
Queria eu dizer: —
Às vezes é Raul que em furia imensa
berra e esbraveja em auto-lucta acêsa,
para nos convencer,
ou por que se convença,
de que nasceu para Raul Proeza...
(E tanto no seu verbo façanhudo
fervilham beliscões,
que Braga o fazem vêr, por um canudo,
... os coelhos transformados em leões!)

* *

E de outras vezes, (regressando à Seára
que não sabemos se ára ou se não ára
hectares por arar...)
um Grão-Senhor Antonio
(lá me escapa outro grão! Mas que demonio!)
esbraveja num féro batalhar.
Esse, à falta de um vivo a chacinar,
ou de melhor assunto,
foi revolver as cinzas de um defunto
e dá-lhe açoites para o educar.
Chama-lhe idiota e parvo com calor...
Tomando o hissope da Verrina, asperge-o
da Agua Tofana do seu mau humor.
Refiro-me ao Senhor Antonio Sergio;
tenta fazer passar um mau bocado
a El-Rei D. Sebastião,
num livrinho a que chama o Desejado.
(É prosa pouco amavel,
que muitos acham mesmo... «indesejavel»)
Talvez, lembrando a pasta da Instrução,
da furia de instruir se ache possesso,
possesso por completo,
e tentasse instruir este processo
que lhe saiu bastante analfabeto!

Eu cá, vejo-os viver; sem azedume,
cujos negros espinhos sempre córto!...
Talvez eu não entenda que perfume
nas florinhas da Seára se resume...
Talvez... — E não me importo!

TAÇO

AS NOSSAS CAPAS

A nossa 1.ª pagina é dedicada ao grande acontecimento desportivo do dia, o *match* Lisboa-Porto. A grande cidade do Norte em frente á capital, um campo de sport, apaixonados novos e velhos.

A nossa ultima pagina é uma reconstituição da audaciosa tentativa de assalto á ourivesaria Lory.

MARCAÇÕES

— Então ela marcou-te a entrevista?
— Não, filho! Marcou-me entre a vista... com a ponteira do chapéu! (Des. de Manuel Gameiro)

por todo o mundo

Ao aparecer na ampulheta do tempo mais este novo ano, os pontos que definem o eixo da politica europeia são Londres, Paris e Roma, e circunstancias varias concorrem para que as tres grandes capitais estejam particularmente em foco neste lance do seculo.

Mas, se nas fortes correntes da vida internacional, Londres, Paris, Roma deitam as cartas diplomaticas e sopram os ventos que perpassam pelo continente, duas outras capitais temos de citar: Moscou, cujas chamas vermelhas aquecem a atmosfera de certas cidades do ocidente, e Madrid, centro hoje duma politica interna muito caracteristica.

Em Berlim ha indecisão... por enquanto; o que não quer dizer que a esqueçamos.

Nós, seguimos influencias e fazemos caricaturas do ultimo vento que sopra.

* *

O mundo mussulmano está agitado por uma febre nacionalista. Consequencia de toda a mutação scenica realisada no imperio turco. Consequencia dos factos que se estão dando no Marrocos hespanhol. Consequencia—e bastante—da subida ao poder, na Inglaterra, do partido trabalhista. De mais Moscou sopra violentamente o nacionalismo islamita...

No Egito, o partido representativo dessas ideias levára a governar Zaghul-pachá, o chefe, e depois agitou-se até ao assassinato do «Sirdar».

Foi então que a Inglaterra—já a Inglaterra do sr. Baldwin—interveiu. Houve o habitual «ultimatum» muito britanico, logo seguido do triunfo.

O que se lê

Com a publicação do seu quarto volume de versos, Laura Chaves marca, definitivamente, o seu gosto, na vanguarda das modernas poetisas portuguesas. Pouco favorecida por "*côteries*„ louvaminheiras, mas, com certeza, animada pela justa consciência das suas possibilidades de triumfo, esta poetisa conquistou o seu lugar com tranqüila persistência. Mereceu, portanto, a glória de vencer. No seu ultimo livro — que, no formato, é pequeno como alguns grandes livros — tocam-se, com maior ou menor felicidade, tôdas as notas do mais genuino lirismo subjectivo, desde a análise nova de singulares crises sentimentais, até á confissão inocente do mais inocente desejo. Os ultimos versos do soneto "*Volúpia*„ — um dos melhores do livro e a última quadra da "*Ladainha das Horas*„ são os limites opostos dessa escola emocional.

Tudo indica que as "*Vozes Perdidas*„ serão das raras vozes femininas com que, mais tarde, se encontrará a atenção de quem pretenda escrever a história do nosso desconcertante momento literário.

THEREZA LEITÃO DE BARROS

ESTE JORNAL FARÁ SEMPRE A CRITICA A TODAS AS OBRAS, DAS QUAIS FÔR ENVIADO UM EXEMPLAR Á REDAÇÃO. Entrados:— CANTIGAS, de João Maria Ferreira; VASCO DA GAMA, de Silva Tavares; e SAUDADES, de Luthegarda de Cayres.

NOVIDADES LITERARIAS

COMO DEVO GOVERNAR A MINHA CASA, por D. Virginia de Castro e Almeida, 3.ª edição, 1 vol. 12$00.

NOITES DA VIRGEM, por Victoriano Palhares, 7.ª edição, 1 vol. 2$59.

NOÇÕES DE TEOSOFIA AOS PRINCIPIANTES. Condicionadas ao cerebro de LINA MARVILLE (Kshanti), 1 vol. 2$00.

LIVRARIA CLASSICA EDITORA

Praça dos Restauradores, 17 — LISBOA

NO TAVARES RICO

— Rapaz, estou a conhecer a tua cara, não sei donde . . .
— Já tive a honra de prender V. Ex.ª quando era da policia . . .

Tem estado de bater o queixo! . . . Pela tardinha corta que nem navalha de barba e pela manhã, é como os fatos uzados, só amacia á força de café! O leitor naturalmente poucas vezes uza ir para casa ás duas da madrugada e quando isso lhe acontece, tem um automovel ás ordens.

Pois não sabe o que ganha! Para quem não dispõe de outro meio de locomoção alem das plantas dos pés, digo-lhe que é obra que daria bem para uma pagina tragica! A góla do sobretudo levantada (para disfarçar) as mãos encafuadas nas algibeiras, o queixo quasi metido dentro do esofago e o frio a malhar sem piedade, a ver-nos as pontas das orelhas que mais parecem guarda-lamas de automovel em avaria!

Ao menos nestas coisas são as senhoras felizes, teem abafos peludos para todos os preços, desde o urso do pólo á modesta pele de gato com ólhos de vidro e ventas de cartão encarnado!

E' certo que os homens teem o coelho, mas em geral, aproveitamos-lhe mais a carne do que a pele.

Esta classe de bichos que se despe para ser util, merece a minha maior admiração, d'esde o singelo cabrito que alimenta as pandeiretas ate ao tigre feroz que padece uma vida de cão por essas Africas, só para legar o saco dos ossos aos quartos de dormir.

E' certo que quem faz um tapete duma pele de urso, tem sempre o cuidado de tirar o bicho de dentro do involucro porque senão a coisa seria falada, mas ainda assim, que belo exemplo de abnegação, que extraordinàrio poder de caridade em todos os animaes, em proveito do bicho-humanidade!

Ele é a galinha que estende o pescoço á guilhotina só para que a canja não deixe de existir, é a baleia que entréga as barbas da melhor vontade, só para que as senhoras tenham espartilhos, ele é o elefante que deixa que lhe arranquem os dentes para que não deixe de haver os jogadores de bilhar! Onde está o racional capáz de semelhante sacriiicio? Pelo contrario! mal vemos as barbas do visinho a arder, vamos logo á fonte e a quem lhe doe um dente, não espera muito para ir ao dentista!

E por isso é que tenho uma grande admiração por esses pobres bichos que dão a alma ao creador para que as senhoras tenham *quentinho* no pescoço, que não cortam o cabelo só para quə os casacos de peles continuem sendo a Terra Prometida de todas as damas chics.

Gatos, lontras, ursos. martas, tudo isso as senhoras teem para as aquecer, para as proteger! Só eu, nem mesmo quando fiz exame, consegui apanhar uma *raposa* . . .

cartas

Cartas são papeis, diz um antigo anexim e, até hoje, embora a Alcoforado tenha dado um dinheirão aos editores, nada mostrou o contrario.

Ha cartas que ditam um suicidio outras que sim mais que tambem . . .

Não ha homem algum que não tenha uma carta, muitas vezss lida, muitas vezes dobrada e sempre propensa a horas de pensamentos longos!

E a carta anonima? Catita! Fria, incompleta sempre, deixando escapar uma dóse de veneno muito especial, atirada para o cesto dos papeis, lá sc fica a rir cinicamente. especie de polichinelo a guisalhar escarninhos, n'uma sarrazinha implacavel!

Escrever cartas e tambem em divertimento muito apreciavel, quer para pedir dinheiro emprestado, para justificar uma gazeta no emprego e, no capitulo amoroso' dizer barbaridades em todos os diapasões!

A carta que chega! E, quer seja no «bluff» quer seja no correio, a carta que nos vem ás mãos, é sempre qualquer coisa que por um momento nos fila totalmente, nos agarra por todos os sentidos!

Madame Staël deve ás suas cartas a fama que corre mundo, Alfonse Daudet tem nas »Cartas do meu moinho» obra de grande admiração!

Uma carta! E, quer se engate uma sequencia aza de môsca, quer se arranje um «flirt» de consequencias mais ou menos arreliativas, uma carta é sempre qualquer coisa que não sabemos o que é, uma esfinge que vai dizer o segredo anciosamente perguntado!

Para mim, a certa é uma das mais agradaveis visitas e, se alguma coisa digo em seu desaboɪɪo, é o terem-me enviado para este vale de lagrimas . . . com «carta de prego» . . .

dinheiro

Se o camarada leitor fosse rico, que fazia? Já sei! Protegia casas de caridade, dava esmolas, espalhava a instrução, mas, primeiro que tudo, comprava um valente automovel, bebia champagne «frappe» á descrição, mercava dois ou tres aneis de brilhantes avantajados, de sorte que talvez não lhe sobrasse muito dinheiro e, lá ficava a caridade a pedir esmola e a instituição a pedir emprego!

Porque, por muito bom que seja o coração por muito «pinocas» que sejam os nossos sentimentos, por mais embandeiradas que sejam nossas ideias filantropicas, o «vicio de gastar» é bem mais podereroso e a tudo sobreleva!

O Prazer de Gastar! Atirar com dinheiro ás mãos ambas, deixar que os outros criem corcundas á força de se abaixarem em busca da nota, ccomprar, comprar tudo, principalmente o que mão se vende e depois . . . brincar com as forças creadas, derrotar com granadas de oiro!

Dinheiro . . . não dá a felicidade, dizem os que não teem nem felicidade nem dinheiro! Nem tud compra o dinheiro, dizem os que não teeu nada para vender!

Ser celebre, mas ter dinheiro, ser artista, mas com dinheiro; ser querido, amado mas com dinheiro!

Se eu fosse rico! Se eu fosse rico! e o estribilho é sempre o mesmo, «o refrain» nunca varia! Dinheiro! Dinheiro!

Agora por isso! E' capaz o leitor de me emprestar cem mil reis!? . . . Não?! Já sei! Dinheiro, o vil metal! Cantigas! E' vil, mas não conheço quem tenha mais amigos e admiradores! Soubesse eu fazel-o que isso é que era ter talento . . .

«WERTHER»

A tristissima partitura de Massenet teve uma brilhante interpretação. O tenor Lapelletrie que triumfou na «Carmen» teve ovações na «Werther». Na verdade a sua linda voz de registos suàves e apaixonàdos, e a dicção perfeita são de molde a despertar o agrado dos mais exigentes. M.me Croiza, que representa um exemplo puro da escola franceza, com uma dicção excepcional — embora o publico não tenha tido nessa conta — merece elogios, sobretudo pelo 3.º acto e pelo final. A snr.ª Marshal, a interessante Micaela da «Carmen». compôz uma Sofia louvavel. A orquestra muito melhor, dando todo o relevo à obra, oque è muito.

«MANON»

Pode dizer-se que a «Manon» estreiàda na 3.ª feira, foi um sucesso. M.lle Marshal e o tenor Lapelletrie conseguiram ovações do publico. Já se esperava tal desempenho do snr. Lapelletrie, cuja voz e gôsto artistico na «Carmen» se evidenciára. O sonho do 2.º acto foi justamente pedido para bisar. M.lle Marshal surprehendeu, pois embora tivesse cantado uma bôa Micaela não contávamos ouvil-a numa Manon com tanto fôlgo. O 3.º e o 5.º actos foram magnificos.

Pelo absoluto modernismo com que se está cantando em S. Carlos n'esta temporada, dando-nos uma Arte como ouvimos lá fóra nos grandes centros, sem as velharias da opera de ha 20 anos, merece a empreza todos os louvôres e todos os applausos.

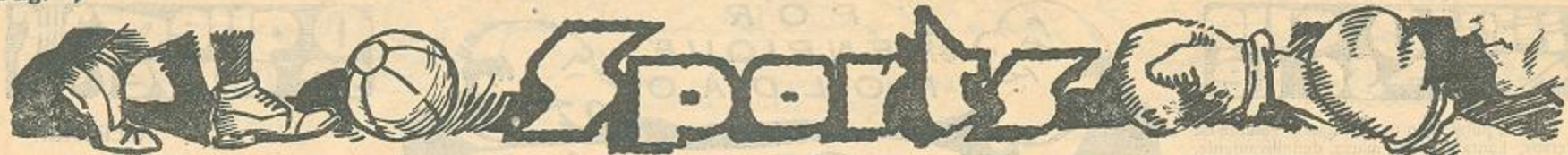
Charadas

Chamamos a atenção dos leitores para a nova Secção de Charadas, brilhantemente dirigida pelo grande charadista José Pedro do Carmo, «Zé Pedro».

As charadas, longe de serem uma brincadeira inutil, cómo muitos supõem, são uma grande ginastica mental, que a Alemanha e a Suissa desenvolvem modernamente.

Recomendamo-las aos educadores.

EM TOURNÉE

Ela: — Vós, meu senhor e amo, ferido? (baixo). Ó menino vai sósinho para o hotel que o governador civil está-se a atirar a mim ali duma friza . . .

Sports

II

Reconhecendo o estado lamentavel do nosso atletismo, o popular Bemfica teve a nunca assaz louvada iniciativa de organisar campeonatos anuaes de sports atleticos, abertos a todos os clubs do paiz.

Os resultados obtidos em 1918, primeiro ano desta iniciativa, mostram de maneira insofismavel a quebra de classe, que os nossos concorrentes sofreram, com o interregno já apontado.

Do trabalho anterior pouco ou nada se aproveitou; a continuidade e persistencia de esforços fôra brutalmente rompida e dificil seria reaver novamente, a situação precoce que alguns anos de treino e de preparação, produzira forçosamente.

Estavamos assim em presença d'uma nova quadra, em que a familia Almeida, Pedro, seu irmão Pascoal e seu primo Demostenes, representando o Cruz Quebrada, foram os reis incontestaveis. Na realidade, as «performances» dos atletas citados, com mais algumas honrosas excepções, eis tudo quanto se salva dos campeonatos de 1918 e 1919.

Em 1920, o Internacional, cuja supremacia incontestavel em atletismo de 1913 a 1915 causou engulhos a muito boa gente, voltou ao terreno de combate e os seus representantes afirmam-se novamente, dominando com acentuada superioridade os seus adversarios.

Em 1921, o Sporting, honra lhe seja, retoma o logar que lhe compete e a luta entre os «liões» e os «internacionaes», que fora o «clou» dos concursos em 1913, renasce mais viva do que nunca.

Os homens do «Campo Grande» que souberam encarar a corrente dos ambiciosos, desse manancial inexgotavel de atletas de fundo, que são os *Vendedores de Jornaes*, conseguem boas equipes de longo curso e as provas deste genero, ganham em interesse, ainda que para os entendidos, não representem mais do que um duelo entre irmãos: legitimos contra bastardos.

No entanto, surge a Federação Portuguesa de Sports Atleticos, que congraça gregos e troianos e o ano de 1922, é o inicio duma nova quadra, cujos resultados devem finalisar por afirmar as qualidades da nossa raça.

Criam-se os campeonatos regionais de sports atleticos, mas apenas em Lisboa são levados a efeito com relativo exito.

No Porto, a Liga de Atletismo, fundada após os esforços dalguns entusiastas pouco ou nada produz e estiola rapidamente, sem deixar vestigios. Assim, apenas em 1922 se pode realisar o campeonato nacional de «cross-country» com a participação de atletas do norte e sul do paiz. A victoria sorri à equipe de Lisboa, mas o Porto é compensado, visto que um dos seus representantes é o primeiro a chegar à meta.

Em 1923, não houve maneira de conseguir que os homens do norte se fizessem representar e o campeonato nacional foi uma segunda edição do regional do sul, com os mesmos concorrentes, com os mesmos classificados e até com os mesmos vencedores; apenas com uma ligeira alteração nos dois primeiros, que permutaram.

Nesse ano, o Internacional lançou as bases dum criterio de velocidade e dum domingo de estafetas, e o Sporting a dum criterio de meio fundo.

Destas provas, apenas o domingo de estafetas se realisou com relativo sucesso; os dois criterios não foram levados a efeito, por falta de concorrentes.

No Porto, onde as energias se encontravam adormecidas, o Club Nun'Alvares lançou-se resolutamente ao trabalho e conseguiu a realisação dum campeonato inter-clubs, semelhante ao do Bemfica, que foi muito concorrido e onde se realisaram algumas performances de valor.

(CONTINUA)

CORRÊA LEAL
engenheiro

O X PORTO-LISBOA

UM ENCONTRO CLASSICO

Datam de 1914, anno da fundação da Associação de Foot-Ball do Porto, os desafios entre as seleções das duas principaes cidades do paiz.

Se de inicio, a superioridade do foot-ball lisboeta tornava menos interessante os encontros entre Lisboa e Porto, em que a capital conseguiu por vezes «scores» impressionantes, a melhoria de classe dos portuenses tornou estes matches d'um grande atrativo, sendo hoje difficil prognosticar o vencedor.

Por uma embalagem adquirida, os amadores lisboetas confiam em absoluto no onze que defende as suas côres e não consideram possivel um triumfo do Porto. Nós não sômos tão optimistas e atendendo á classe dos homens do norte e ao trabalho criterioso da sua seleção, consideramos possiveis todos os resultados. De resto o foot-ball é um ramo de sport em que é vulgar o vencido merecer muitas vezes a victoria.

Na impossibilidade de treinar devidamente uma boa seleção, o Conselho Tecnico da Associação de Lisboa organisou com criterio o seu onze, escolhendo o seu melhor grupo e limando-lhe algumas deficiencias. Assim o Sporting, cujas ultimas exibições acusam uma boa fórma, foi o team escolhido, Cipriano e Portella sendo substituidos por F. Vieira, do Bemfica e Cesar de Matos de «Os Belenenses».

O onze, que hoje ás 15 horas no Campo Grande, defenderá as côres da cidade de Lisbôa, terá assim a seguinte constituição:

KEEPER:	Francisco Vieira.
DEFESAS:	Joaquim Ferreira.
	Jorge Vieira (cap.)
MEDIOS:	José Leandro.
	Joaquim Filipe dos Santos.
	Cesar de Matos.
AVANÇADOS:	Alfredo Torres Pereira.
	Jaime Gonçalves.
	Alfredo de Sousa.
	João Francisco Mota.
	Emilio Ramos.

Como dissémos, o I Porto-Lisboa realisou-se em 1914 e foi principio assente haver sempre dois encontros por época, o primeiro na capital e o segundo no Porto.

Em 1916 foi instituida a «Taça Inter-Cidades» que ficaria de posse da Associação, que a ganhasse três annos seguidos ou alternados.

Por desinteligencias surgidas entre os clubs do Porto e a sua Associação, em 1918 e 1919, os «matches» entre as duas citadas não se effectivaram.

Em 1920, 3.º anno da Taça, Lisboa é mais uma vez vencedora e a A. F. L. tinha o direito de ficar na posse definitiva do trofeu. Na impossibilidade porem de se confeccionar no momento uma nova Taça, Lisboa resolveu n'um gesto altruista e bastante sportivo, pôl-a de novo em disputa.

Como as victorias se repetissem nos annos seguintes, em 1923, Lisboa ganha definitivamente a «Taça Inter-Cidades».

Como recapitulação interessante, publicamos a seguir os resultados tecnicos de todos os encontros entre Lisboa e Porto. Por ella o leitor observará que em 9 annos de lucta, Lisboa conseguiu 15 victorias, 2 empates e 1 derrota, totalisando 79 bolas contou 13.

1914—Lisboa	vence	Porto	. . . . . .	7 a 0
» — »	»	»	. . . . . .	3 a 1
1915— »	»	»	. . . . . .	6 a 1
» — »	»	»	. . . . . .	5 a 2
1916— »	»	»	. . . . . .	2 a 1
» — »	»	»	. . . . . .	1 a 0
1917— »	»	»	. . . . . .	11 a 1
» — »	»	»	. . . . . .	5 a 0
1918 e 1919	Não houve encontros.			
1920—Lisboa	vence	Porto	. . . . . .	5 a 1
» — »	»	»	. . . . . .	9 a 2
1921— »	e	»	. . . . . .	1 a 1
» — »	»	»	. . . . . .	3 a 0
1922— »	»	»	. . . . . .	2 a 1
» — »	»	»	. . . . . .	6 a 0
1923— »	»	»	. . . . . .	5 a 0
» — »	»	»	. . . . . .	5 a 1
1924— »	»	»	. . . . . .	0 a 0
» — Porto	»	Lisboa	. . . . . .	3 a 1

O Porto conseguiu assim a sua 1.ª victoria em 1924, que foi em absoluto um mau anno para Lisboa, cujos clubs e grupos representativos foram na generalidade infelizes.

O encontro d'hoje apresenta pois um interesse ainda não atingido no decorrer deste velho certamen.

Uma fase do jogo, em que F. Vieira executa uma boa defesa onde jogavam tambem Jayme Gonçalves e João Francisco, selecionados para o onze de Lisboa

PELO EXTRANGEIRO

O FENOMENAL NURMI

O corredor finlandez Nurmi, o mais extraordinario atleta de fundo destes tempos mais modernos, acaba de triumfar n'umas provas realisadas nos E. U. d'America, em pista coberta (indoor), estabelecendo novos records mundiaes.

Os 1.500 m. e a milha (1.609 m.) foram respectivamente cobertos em 3' 56" $^{1}/_{5}$ e 4' 13" $^{3}/_{5}$.

Nos 5.000 m. Nurmi precedendo o seu compatriota Ritola de mais de 400 metros, obteve 14' 44" $^{3}/_{5}$ menos 21 segundos que o maximo anterior.

OS URUGUAYANOS NA EUROPA

Segundo comunicação oficial do Director da officina Sul Americana de Barcelona, o «Nacional» campeão do Uruguay, embarcará em Montevideo, nos principios de março, com destino ao velho continente.

A famosa equipe, compreenderá entre outros, os conhecidos jogadores que se notabilisaram, nos ultimos Jogos Olympicos: Petrone, Scarone, Nazzari, Andrade e Zibecchi.

OS 6 DIAS DE BRUXELLAS

Os conhecidos ciclistas, o holandez Van Kempen e o belga Aerts constituindo equipe, ganharam as 144 horas de Bruxellas, totalisando 862 pontos e percorrendo 3.465 km.

Os vencedores, não se empregaram a fundo, procurando apenas acumular pontos, com boas classificações, em todos os sprints e resistindo com felicidade a todas as tentativas das equipes contrarias para obter voltas d'avanço.

PELOS NOSSOS CLUBS

O Club Internacional de Foot-Ball acaba de formar um grupo de rugby, realisando-se o primeiro treino no proximo sabado 31, no campo das Larangeiras, pelas 11 horas, sob a direcção de Xavier de Araujo.

São convocados: Guimarães, Gentil dos Santos, Honorio Costa, Queiroz Vaz Guedes, F. Ulrich, C. Leal, X. d'Araujo, H. Vieira, S. Heredia, J. Sameti, J. Maria Alvares, R. Barros, F. Borges, A. Ferreira, A. Soares, A Penafiel, S. , Asseca P. Asseca, J. Arnoso e A. Bual.

Cinemas, teatros e circos

cá por dentro

— A peça «Sonho Dourado», em ensaios no Teatro Maria Victoria, será representada em sessões.

— E' provavel que ainda este inverno se represente no Teatro Nacional a peça Lady Macbeth.

— A actriz Ester Leão deve reaparecer no Nacional na peça «O Pasteleiro do Madrigal».

— Não é verdade que ó actor Gil Ferreira tenha arrendado o teatro do Ginasio.

— A companhia de «feeries» que explorará no proximo verão o teatro da Trindade, inaugura com a «reprise» da magica «Tangerinas Magicas», modernisada por Luis Palmeirim, seguindo-se-lhe a fantasia «Ditosa Patria» de Luiz Galhardo e Lourenço Rodrigues.

— Combinaram colaborar para uma revista, os escritores Lino Ferreira, Alberto Barbosa e Tito Arantes.

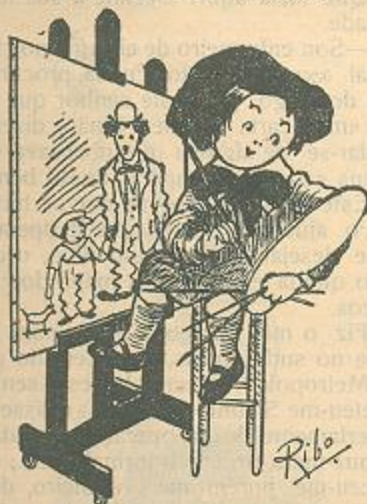
— A companhia Amarante vai fazer «reprise» da opereta «Suzi».

— E' positivo que a notavel actriz Ilda Stichini abandona esta epoca o teatro Nacional.

— A »tournée» de comedia de José Ricardo-Ilda Stichini ao Brasil leva como seu respectivo elenco, alem do «Centenario», «Carta Anonima», «Meu homem» e outras comedias, a peça de Leitão de Barros, «30 H. P», do repertorio daquela actriz.

DE TEATRO CARICATURAL

A nova publicação do brilhante mensario *De teatro* tem obtido um justo exito, não só entre o numeroso grupo de amadores de assuntos de teatro como entre o publico em geral.

Felicitamos o dr. Mario Duarte, ilustre director desta revista pela nova iniciativa que esperamos seja materialmente compensadora.

o momento teatral

José Ricardo. que com Brazão forma hoje o grupo das figuras maximas da nossa scena, temperamento de grande actor, ilustre, simpatica e popular individualidade do meio português, completa esta semana cincoenta anos de teatro. Cincoenta anos sobre as tábuas da scena. encarnando milhares de figuras, vivendo as mais distantes vidas, fazendo rir, sorrir sofrer, chorar, cinco gerações seguidas!

Quem diria que o "menino José Ricardo» que o velho programa do "teatro de Almada„ anunciava como "enfant-prodige„ em 1865... seria hoje, na casa de Garrett o grande nome que enquadra a notavel companhia do teatro do Estado!

Bom amigo, e grande José Ricardo: que a noite da tua consagração não seja o ponto final, que nem tu nem nós ainda queremos; que tu, pequenino, chupado, magro, velhote, continues como até aqui — môço e grande é o que te desejamos — e comnosco, podes crer, toda a gente que uma vez te viu na scena.

noites de primeira

BENAMOR

1.º acto — Passa-se no interior de um palacio estilo Jorge Colaço, todo em gema de ovo. Entra um grupo de lobis-homens que canta que se desunha, mas que podia estar calado para melhor se ouvir a musica. Segue-se-lhe um grupo de *odaliscas* com elas, que dizem coisas pouco simpaticas á integridade fisica do Sultão e tudo sae pela mesma razão porque tinha entrado. *Abdul-Victor*, que padece de surdez alternada, tem uma grande falacia com a Dona *Panthea-Santos* que está durante duas horas a contar uma historia sem graça nenhuma. Toca outra vez a musica e entra o cortejo do sultão que se compõe de alguns môços de forcado disfarçados e de duas duzias de raparigas mais ou menos filiadas na Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro.

Entra o sultão que é a D. Alice Pancada, vestida de homem, mas que não é homem porque sendo mulher, a mãe vestiu-a de homem para quando fosse homem parecesse mulher.

Abdul-Victor diz que estão lá fóra os principes e entra um grupo muito loiro e a D. Jacinta Marques dizendo que não tem culpa de ser franzina e que quem a mandou ali foi a mãe e o sr. Carlos Viana. Em seguida surge um grupo de bolcheviques vestidos de bigode e lança e o *Rajah-Sebastião* que pede desculpa de não ter mais voz.

Nisto ouve-se dentro uma espada batendo n'uma escóra e aparece *Juan de Sales* vestido de neto das corridas á antiga portugueza. O sultão da Persia) que por acaso é Schah, mas como os traductores não gostam ficou sendo sultão) diz-lhe que lhe constou que ele é tenor e que, por tanto, cante qualquer coisa mas que não seja o luar do sultão ou qualquer módinha brazileira. *Juan de Sales* diz que é hespanhol e então a Dona *Benamor de Oliveira* afirma que tambem tem um pardal. Grande numero de musica, o maestro Gomes mostra as suas faculdades para a ginastica sueca na regencia da orchestra e o pano cae, aparecendo sorridente e jovial o sr. Armando de Vasconcelos que, pelos módos, foi quem deu o dinheiro para tudo.

2.º acto — Passa-se na Feira da Ladra da Persia. O côro impinge uma data de musica e aparece *Nitetis Alvarez* que traz umas pernas que, se não são d'ela, é uma pena.

Esta pequena que é uma escrava grega, dança não sei quê do camelo, que é duma pessôa ficar estarrecido com o movimento dos quadris. Vem do banho e como se enxuga á frente do espectador, *Abdul-Victor* pretende levál-a para a Travessa da Palmeira. Aparece então a *Benamor d'Oliveira* que fala calão e fuma como um fadista. E' uma princeza que é principe porque a mãe a vestiu de mulher para fingir que é homem, quando afinal é mulher.

Vê a *Nitetis Alvarez* e sucede-lhe o mesmo que aos espectadores, mas nisto o *Dario Pancada* compra-a e lá ficamos nós com a boca cheia d'agua. *D. Juan de Sales* que anda sempre a dizer que é *tezo*, diz que d'esta tambem quer provar da *Nitetes* mas o *Dario Pancada* que afinal é mulher, afirma que vae haver uma grande festa e começam a entrar coristas e a Dona *Luiza Retana*, que faz para ali umas coisas, até que por fim cae o pano muito suavemente e as coristas deitam-se a dormir por que já é meia noite e meia hora e ainda falta um acto.

3.º acto — Passa-se na explanada de São Pedro de Alcantara, na Persia. As odaliscas estão muito contentes porque a *Benamor de Oliveira* lhes deitou agua quente no banho mas a *Panthea Santos* afirma que aquilo é uma vergonha.

Abdul-Victor fez propostas deshonestas em nome do Sultão ao *D. Juan de Sales* que finge que se espanta para disfarçar. Ha para ali um dueto a premio, porque a empreza oferece um camarote a quem perceber o que eles dizem e os traductores escrevam e aparece novamente a *Nitetes Alvarez* que torna a implicar com o nervoso de cada um. Como é tempo já de acabar a peça, os traductores fazem ali uma embrulhada, *D. Juan de Sales* diz que é tudo por causa de uma mulher, a *Benamor d'Oliveira* faz propostas equivocas á *Nitetes* e por fim o pano desce porque já é uma hora e vinte e os trezentos mil reis da multa estão certos.

A claque chama toda a gente, actores, actrizes, coristas, maestro, electricistas, o sr. Esculapio que entrou em corpo inteiro e o sr. Carlos Ferreira que fala baixo com medo das asneiras que poz na tradução, e só falta vir o guarda-nocturno da area quando o Armandinho ilucida que assim é que o Ricardo Jorge gosta por causa da percentagem.

ANDRÉ GODIM

EDEN

«Pic-nic» revista feérie de Assunção, Barbosa e Abreu e Sousa. Brilhante conjunto da grande companhia Otelo de Carvalho. Graça, arte e alegria.

S. CARLOS

Noites de arte e mundanismo. Opera francesa com Gabriel Grovlez, primeiras figuras: Mm. Croiza e Mm. Beriza e Mrs. Combe, Lafitte e Dufrane.

NACIONAL

DICKY peça de movimento, graça e sentimento, com Stichini, Maria Pia e Ribeiro Lopes.

Conjunto equilibrado e brilhante.

S. LUIZ

Luiza de Lerma, e «Benamor», opereta, por Auzenda e toda a companhia. Armando Vasconcelos.

Alegria, linda musica e mise-en-scène brilhante.

APOLO

Amor de Perdição, peça eterna, creação magistral de Antonio Pinheiro no ferrador João da Cruz.

Espectaculo de grande emoção.

AVENIDA

Paris Moonte Carlo — opereta de maovimento e graciosidade pela companhia Satanela-Aamarante. Admiravel creaçãoo do grande actor popular.

POLITEAMA

O grande sucesso da epoca passada. «Entre giestas» por toda a companhia Amelia Rey Colaço.

Brevemente a «Femme Nue» de Bataile.

TRINDADE

Não ha espetaculo. Brevemente. a grande companhia franceza do Teatro do Porte-Saint-Martin de Paris.

Peças de exito segur.

COLISEU

A grande companhia de circo. Atrativo das creanças grandes e pequenas, noites e tardes de interesse e comoção. Espectaculo moderno e movimentado.

UM CAPITULO DE AVENTURAS COMPLETO

Os desaparecidos de Lisboa

RESUMO DO CAPITULO ANTERIOR — Uma pobre mulher aparece numa redacção queixando-se de que lhe foi roubado um filho. Segundo todas as hipoteses o seu raptador foi um argentino que roubou a creança no intuito de vingar nesta, por uma forma odiosa, um crime do pae. Um reporter interessa-se pelo caso e segue a pista do criminoso.

BEM, obrigado. Num minuto estava no Metropole — para ter uma desilusão — não só não estava nenhum hospede espanhol, como havia mais dum mez que não recebiam um estrangeiro. O homem que pedira a «Razon» de Buenos Ayres era pois um português qualquer e eu, em bôa logica ó tinha umas coisa a fazer desistir das minhas fantasias policiais por conta propria e entregar a deligencia a quem de facto tivesse mais tacto e mais tempo do que eu. No entanto, aquela coincidencia de sabado 27, dizia-me não sei o quê. E, como o quer que encontrasse algum conhecido, estacionei mais duma hora á porta da sucursal do Seculo, em casaco, e com os olhos nolimiar da porta do Metropole.

Porquê? Um capricho, um estranho e inexplicavel presentimento me obrigava a fixar aquela pòrta...

Na manhã seguinte eram 10 horas, já eu estava de novo no Rocio. Uma obsecação não me deixara dormir. Parei mesmo defronte do magnifico predio do hotel. Não tinha esperado 5 minutos,o tempo de fumar um cigarro—quando um homem, alto e moreno, que se apeara por detraz de mim duma Benz aberta envergando um amplo sobretudo claro, crusou rapido o passeio e entrou no Metropole.

O homem sobraçava um pequeno estojo de medico, e á roda do pescoço

uma sumptuosa pele de oppossum da Australia, dava-lhe um ar opulento.

Precipitei-me atraz dêle.

— Quem é este homem? preguntei ao porteiro

— É um medico espanhol, que vem ahi ver um doente...

— ?!

— Um medico espanhol?! Senti-me ridiculo como policia.

Decididamente a sorte não me favorecia. Não tive porem tempo de reflectir mais—o homem, acompanhado de um outro individuo, descia a escada. Num pulo puz-me ao pé do chauffer. Ouvi nitidamente, dizer ao espanhol: «Calçada del Grilo—Xabregas». O chauffeur ao que parece não comprehendeu, e o outro homem disse-lhe em português.

«Sim.—Vá andando, Beato, Poço do Bispo—onde fôr, eu digo para parar.» E o automovel, Rua Augusta abaixo, partiu a toda a força.

Eu tinha dois caminhos a seguir. Ou desinteressar-me da historia do pequeno Guilherme, que eu aliás nunca vira, mas cuja mãe eu sentia ainda soluçar junto de mim, desinteressar-me desse crime hediondo que um selvagem queria, por absurda vingança perpetrar uma criança indefeza, ou seguir esses dois homens.

Um instincto superior me dizia que aqueles homens eram criminosos. Essa perseguição cinematografica para o Poço do Bispo, uma parodia barata aos films americanos, custava-me ainda uns 100 escudos mas paciencia. Dei um grito ao porteiro do Metropole:

«Diga-me uma coisa: Este senhor não têm uma creança, um rapazito?

— O filho do medico?

— Qual filho? E saquei do retrato do Guilherme: É este?

— Esse, sim senhor...

Não quiz ouvir mais. Saltei para um Hudson da praça. «Apanha aquele carro cinzento e segue-o! sou policia.»

Ao fundo da Rua Augusta a Benz era já um ponto confuso. Só em Santa Apolonia, afrouxando a marcha pela aglomeração dos carroças nos aproximamos.

Um suor frio invadia-me o corpo. Eu ia desarmado; nem uma simples bengala... O que se iria passar, neśta dourada manhã de inverno na popular Calçada do Grilo, ao Beato? Tudo isto me parecia confuso ainda — agora que mais do que nunca as coisas se deviam aclarar. Finalmente, deante dum grande casarão Pombalino, um pouco antes do historico palacio da Mitra, casarão que as necessidades de moradias pobres transformaram numa verdadeira ilha, o carro que eu seguia parou. Os dois homens, firmes, como quem conhece bem o caminho, entraram. Parei tambem, mais adiante uns 100 metros, e voltei logo, á porta onde astacionara a Benz.

O «chauffeur» lia tranquilamente o «Seculo», nada absolutamente era sequer suspeito. Entrei pois na porta da escada, resolutamente, e subi sem parar o lanço que conduz ao corredor, onde inumeras portas, com numeros, bilhetes, letreiros e marcações a giz indicam os seus varios locatarios. Cruzome a certa altura com uma mulher, andrajosa, que vagueia pelo corredor e preguntou-lhe á queima roupa:

— O menino onde está?

— Quem pregunta o senhor? o doentinho?

—Sim, o filho do espanhol!

—Qual espanhol?

—Este—e mostrei-lhe o retrato.

—Pois é esse—está muito mal: olhe, agora entrou o medico. Parece que lhe vão fazer uma operação...

—Onde é o quarto?

—Ao fundo...

Galguei o corredor, como um relampago. Na ultima porta á esquerda, um maço novo de algodão hydrofilo, caido no chão, tira-me qualquer duvida.

— E' aqui! Olho pela fechadura. Azar! Um pano branco cobria, e nada vejo. A ponta do cigarro em braza, fez-lhe porém um pequeno orificio e distingo então, nitidamente:

Sobre uma meza, um colchão, e sobre ele, estendida, a cabeça tombada sobre o peito, estava uma creança inteiramente nua...

Era o pequeno Guilherme!

* * *

Senti um supremo arrepio percorrer-me o corpo — que iriam fazer áquele rapazito, cujo corpo viril e gracioso repousava sobre o sordido colchão? Haveria requinte de malvadez capaz de como a um gato que se quer socegado e gordo, inutilisar essa creança para a mais sagrada das suas missões sobre a terra como homem e até como animal?

Os olhos não se me despregavam do corpo do pobre pequeno, mas pensava já em correr á primeira esquadra, e levar a creança, decerto artificialmente adormecida, á casinha onde a mãe, em lagrimas, o tinha esperado até então inutilmente. Era porém tarde: em mangas de camisa, o homem moreno, o espanhol, erguera uma mão onde um bisturi scintilante como um cristal, brilhava tragicamente...

Dei um soco á grossa porta antiga, que não cedeu. No entanto, dentro do aposento, dir-se-hia que o ruido causou uma grande surpreza e logo passos vieram até á porta.

— Quem é?

— Queira abrir. E, a porta, imediatamente se abriu, aparecendo, em mangas de camisa, arregaçadas, o hospede do hotel Metropole.

— Queira dizer-me se se encontra neste aposento uma creança — desaparecida ha duas semanas de casa de sua mãe. Sou agente da policia... A' palavra «policia» — eu senti o homem empalidecer.

Fazendo um visivel esforço para se dominar, mastigando as palavras, balbuciou: Eu sou enfermeiro no Porto, e está aqui um medico hespanhol tratando do filho. Eu ajudo ao tratamento. Não sei nada...»

Entrei na sala, sem mais contemplações. O espanhol dirigiu-se logo a mim: ¿Que passa?

— A sua identidade, disse-lhe eu, com intimativa.

Yo soy médico, en el Uruguay, tengo mis papeles... El niño és mi hijo — el Sr. Castro del Hospital, ayudante de la enfermeria...»

Olhei, em silencio, fixamente, o espanhol. Ele desviou por fim o olhar, e balbuciou algumas palavras vagamente trritados, uma irritação falsa de comedia.

Depois, tirei um papel em branco da carteira, e fingindo que o lia, disse em voz firme e alta. «Pablo Moncada, considere-se preso á ordem da policia portuguesa.

Essa creança é portuguesa e foi roubada á mãe.

O seu cumplice—e indiquei o enfermeiro—está tambem preso.

A's minhas palavras o Argentino fi-

cou livido. Depois, num sorriso horrivel, disse penas deixando-se cair sobre a unica cadeira do quarto:

«Lo que o Usted quiera...

Dei uma volta á chave do quarto e voltando-me para o enfermeiro, interroguei-o.

Que fazia aqui? Decline a sua identidade.

—Sou enfermeiro de cirurgia no Hospital xxx, do Porto. Fui lá procurado no domingo, por este senhor que trazia uma carta de meu irmão, dizendo tratar-se de alguem que precisava dos meus serviços e pagaria muito bem.

Este senhor disse-me que se tratava de o ajudar a uma pequena operação que desejara fazer, num filho, o qual não queria entregar nas mãos dos medicos.

Fiz o meu preço. Viemos para Lisboa no sud-express, tendo eu ido para o Metropole. No caminho, este senhor, meteu-me 5 contos nas mãos e disse-me abertamente de que operação se tratava. Opuz-me a principio formalmente; ofereceu-me porém mais dinheiro, disse tomar toda a responsabilidade, e explicou que era a determinação duma creança religiosa, que existe entre indios americanos a cuja raça pertence.

Decidi-me. Estudei durante a semana a operação que ia executar...»

—Que tem a dizer a isto, Pablo Moncada?

—E's la verdad entera...

—Persiste em afirmar que esta creança é seu filho?

(Conclue na pagina 8)

O DOMINGO ilustrado

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

AS QUATRO LETRAS

QUANDO terminou ha dois anos, na varzea de Colares, a nova vivenda de Jacintho Soares — esse novo riquissimo que meia duzia de leilões da Alfandega, alguns pinhaes mais ou menos da Azambuja e uns negocios escuros de assucar branco tornaram um homem de situação — houve uma festa de arromba. Não faltaram más linguas a falar dos desaires da recepção nem bôas bocas a comer a ceia. Appareceu de tudo. Politicos, gente de jornais, artistas, homens de comercio, e até dali do pé, um grupo de oficiais aviadores da escola da Granja do Marquês.

Jacintho Soares era um boçal sem escrúpulos — mas um homem para quem o dinheiro valia por aquilo que imediatamente proporcionava de prazer e de comodidade. Viuvo, isolado na vida de qualquer carinho que não viesse de Margarida, filha unica e mimada, a vida aparecia-lhe como uma mulher falsa, com a qual, para a vencer era preciso ser mais astuto e mais falso ainda.

Margarida educada aos empurrões, sem um caracter firme, domesticada por uma ou outra «bonne» franceza em epocas de melhor passadio, entregue a uma creada velha — das que aparecem sempre nos dramas — era o exemplo vivo da rapariga lisboeta, com os defeitos e as virtudes desta educação dos nossos filhos, educação que é o problema mais grave que hoje aparece deante dos nossos olhos.

Na primeira crise de uberdade Margarida, afastada, pela hipocrita fórma antiga, do conviyio de rapazes, mantinha já, nas salas da alta burguezia que seu pae frequentava, aqueles

E Margarida, sentiu então esse amor, que se escrevera no ceu, que era o maior de todos...

perigosos «flirts» que começam na vaga obscendidade das danças modernas e acabam conforme o instincto de defeza das mulheres, mais ou menos gravemente.

Futil talvez de mais e sobretudo daquelas «cabeças de vento» que despejadas sobre uma mesa não deitariam muito mais que um figurino da «Vogue», a ultima fita do Tivoli, ou do ultimo chá da Garrett, não era no entanto essa graciosa morena, com o seu lindo cabelo á «garçone» nem uma deshonesta creança nem mesmo ainda uma contaminada pelas amoralidades da sociedade que a cercava. Ria-se, divertiase, e a vida, com um vestido novo, um pouco de «rouge» nos labios e de verniz nas unhas, de dentro do seu automovel, parecia-lhe a mais leve e a mais deliciosa.

Quando no baile do «chalet Margarida» os rapazes da aviação entraram, Margarida veio recebê-los com o pae, á porta do salão.

A portuguesa não é em geral uma mulher imponente.

Nem a esbelteza classica das italianas, nem o garbo mexido das hespanholas, nem a grande linha fina e elegante das francezas. E' miudita, roliça, pequena, põe os olhos no chão, córa, é acanhada é «gauche» quasi sempre, e o seu encanto, a sua petulancia, o seu «charme» está nos olhos. Nos olhos só. Já alguem disse que Lisbôa tinha os olhos mais lindos do mundo — e disse uma verdade. Os olhos portugueses, os olhos das mulheres, das creanças,—os proprios olhos tristes de certos velhos, são dos maiores pedaços de beleza que a humanidade oferece. E os olhos de Margarida Soares, admiraveis, esses olhos das primeiras olheiras, violaceos, e virgens perturbaram desde logo alguem que fora instinctivamente contrariado, ao baile do «chalet».

O tenente-aviador Sergio era um soturno, um azedo. De Lisbôa para a Granja, no comboio das 10; no comboio das 4 da Granja para Lisbôa. Não acamaradava em pandegas, nem nessas noitadas dos clubs, em que os outros oficiais estoiravam a mocidade, nunca ninguem o viu. O seu proprio aspecto era abatido e passivo.

Nem fogo nem alegria no olhar. E, no entanto, quando saltava para carlinga dois olhos de azeviche brilhavam sob a vizeira de camurça cinzenta e ao tomar o volante do seu Bréguet, como que um tom de bronze lhe endurecia as pupilas e dava aos malares contraidos a violenta e possante expressão de certas figuras de Nuno Gonçalves.

Sergio era um grande coração. Vivia com a mãe — uma pobre velhinha que olhava o firmamento e só sabia erguer uma prece a esse filho que voava tão alto, que ela o confundia nas suas misticas expansões com toda a maravilhosa vida do ceu.

Mas Sergio, porque era um triste, amou soturnamente, ferozmente Margarida Soares.

Primeiro a futil creança, sentiu alguma curiosidade por esse rapaz «que não sabia dançar», que ficava, enfiado, ao canto das salas, deslocado e desiligante, que não sabia sorrir, e cujo olhar se desviava do seu, cobarde e vencido, com medo dum deslumbramento que o aterrorisava.

Mas, essa vaga curiosidade de Margarida, involuntariamente, mais fundo cavou no espirito de Sergio a sua dolorosa paixão. Por tudo e em tudo, a arveola gentil daquelas salas burguesas atraia esse vencido gavião dos es paços. E Sergio, fugido até ali a toda a sociedade deu-se a frequentar a casa de Margarida, com uma obcessão, uma persistencia, uma quasi ridicula assiduidade — que mal se comprehendiam nele.

Margarida porém não o sentia: Um pic-nic á Praia das Maçãs, uma burricada ao Monsserrate, uma excursão a Mafra ou á Ericeira, as flores dum, um bilhete doutro, uma intriga, um ramo, o correio de Lisbôa, uma caixa de bonbons, uma fita nova para a coleira do «Polisson» — e Sergio, vencido, desiludido, volta de novo ao quartel da Granja do Marquês, sem ter encontrado aquele momento em que sentisse a coragem de o vencer tudo, aquele momento em que tivesse em si a força precisa para não recuar.

Uma tarde, á volta dum lento passeio ás Azenhas do mar, estrada fóra até S. Sebastião, Sergio, lado a lado com Margarida, falou-lhe com sinceridade. Disse-lhe o que era a sua vida e o que era a sua esperança — contou-lhe, sem litetaratura o seu brilho, o seu humilde ideal. Margarida sorriu, desinteressada. Um qualquer incidente a distraiu logo, e dir-se-hia que as ardentes palavras de Sergio — ardentes como brazas — se tinham desfeito ao contacto da frescura da sua pele suave como uma petala.

Nesse momento Margarida recebia a côrte alegre dalguns «rapazes divertidos» e ficou logo marcado para a tarde um chá no Casino de Sintra. Sergio voltou aos hangars militares da Granja do Marquês e ninguem mais o viu de novo nos passeios de Colares e da Praia...

* * *

Passaram-se semanas sobre a renuncia de Sergio.

Os jornais um belo dia com reportagens fotograficas, davam a noticia das espantosas evoluções que com o seu pequeno Bréguet... Sergio fizera sobre Lisbôa, causando o assombro da população da cidade—e só nessa noite —Margarida voltou de novo a pensar no oficial — aviador e na sua brutal declaração da Praia das Maçãs.

Mais dias e mais audaciosas e fantasticas curvas, sobre o azul do ceu fazia Sergio correndo como louco, lés a lés, o firmamento. Uma raiva de gigante, dominando espaços infinitos, vindo numa caricia quaise beijar a terra, para voar de novo, para se perder no espaço... Da varanda do «chalet» Margarida, seguia a trajectoria larga do biplano, que como um insecto tonto, givara, girava á a roda, louco de anceio e de dôr, em torno do minusculo mirante da wivenda «Guida» — e Margarida sabia bem o misterio sagrado desses vôos de morte...

A manhã estava limpida e tranquila. Toda a varzea luminosa de Colares era um ramo fresco. Margarida empunhou o binóculo e seguiu no ar o aeroplano.

Lentamente, um ténue fio mais escuro, como um rastro de fumo distinguiu-se no ar, ondulando levemente.

Parecia sair da fuselagem e a sua desidade, igual á do ar, mantinha-o á mesma altura.

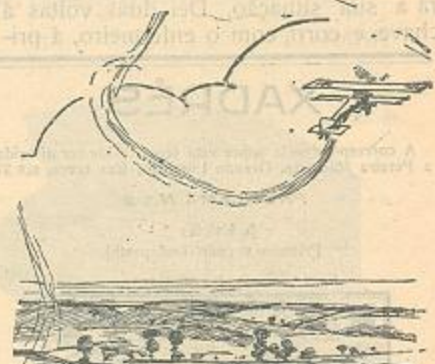
O aparelho, mais louco do que nunca riscava o azul e ora avançava como a despenhar-se alem da Pena, ora recuava, voltando-se sobre si proprio, quebrando as curvas. descrevendo numa estranha caligrafia um confuso signal...

Margarida, atentamente seguia-o — mas, de facto era uma letra!... uma letra gigante, formidavel, a maior letra que jámais tem escripto alguem!

E, nalguns minutos, sobre esse ceu tranquilo de Colares, a todo o tamanho da abobada azul, enormemente, colossalmente, incomparavelmente, ficou escripta, como se fosse feita pela mão de Deus uma palavra: *Amor*.

. . . .

Depois, o aeroplano, num arranco, parecia crer pôr um tragico ponto final sobre a terra e vertiginosamente desceu sobre o terreno do «chalet»

Margarida teve um sobresalto: Iria

O aeroplano, na manhã tranquila, traçava sobre a abobada azul estranhas curvas...

suicidar-se Sergio? — Todo o seu corpo estremeceu e amou; e pegando na «écharpe» branca, longamente, acenou-lhe...

Do biplano petalas de rosas caiam sobre a «Terrasse» — o pacto estava feito.

E Margarida, fixando as tenues letras de fumo, sentiu pela primeira vez, como era grande, como era o maior de todos, esse amôr de Sergio, que se escrevera no céu...

V. S.

Sensacional

LER NO PROXIMO NUMERO

O unico amôr de D. Luiz Filipe

ANEDOCTAS INEDITAS DA VIDA PALACIANA

OS DESAPARECIDOS DE LISCOA *(Conclusão)*

Desviou os olhos e não respondeu. O pequeno Guilherme, respirou mais fundo, e uma contracção muscular, convergiu os nossos olhares sobre o seu corpo.

Então o enfermeiro tomou-lhe o pulso e declarou:

O cloroformio foi muito forte. E' preciso dar-lhe uma injecção de esperteina já. Quasi não tem pulso.

Tomei uma iniciativa: Vista-o. leva-l'o-emos no automovel para o hospital.

—Impossivel! replicou o enfermeiro. Não se lhe pode mexer. Isso seria a morte.

Não,—se me deixa sair, eu proprio irei buscar o medicamento.

—Você não aparecia mais... essa informação pode ser apenas um truc.

—«Como quizer. Mas esta creança daqui a um quarto de hora pode estar morta... com a sua cumplicidade»

O quarto era uma casa quadrada, só com uma porta para o corredor, e uma janela em frente, sobre o rio — um 2.º andar altissimo.

Venha comigo. O senhor ficará aqui fechado, disse para o argentino, Escusado é dizer-lhe que tudo quanto de mau suceder a este pequeno agravará a sua situação. Dei duas voltas á chave e corri, com o enfermeiro, á primeira farmacia. 7 minutos certos, depois, metia de novo a chave na porta do quarto onde ficara momentos antes o algoz e a sua inocente victima adormecida...

* * *

Não ha palavras que descrevam o horror da scena!

O «Grand-guignol» mais macabro ficaria a perder de vista ante esse espectaculo tragico como um pesadelo infernal!

Sobre o velho colchão. numa poça de sangue, o corpinho do pobre Guilherme era um novelo de carne retalhada.

Sobre o seu peito o bisturi maldito riscara a sangue a palavra «VEN GANZA» O Argentino tinha desaparecido. Da janela, umas tiras de pano branco, o lençol da cama, pendiam sobre a agua. Ao longe, em direcção ao Terreiro do Paço, um gazolina deixava no rio tranquilo, um golpe de espuma...

Nele seguia o homem do sobretudo cinzento, o facinora Pablo Moncada!

Como louco debrucei-me sobre o corpinho do pobre Guilherme. Salve-o! bradei para o enfermeiro Castro—que se o salvar eu nada direi de si—absolutamente nada terá a recear da policia.

—«Pobre pequeno, disse o enfermeiro, deve ter perdido imenso sangue. O pulso quasi não se sente. Queira segurar-lhe aqui no braço. Receio muito que o organismo já não receba a injecção.»

Um fremito ondulou todo o corpo do pequeno Guilherme.

Dir-se-hia que um abatimento mais profundo invadia todo o seu ser; que a creança desfalecia.

«Não—fez o enfermeiro com a cabeça—. E' muito perigoso. O doente não pode receber a espartaina.

Precisa antes de mais nada da transfusão.

Mas, por outro lado, não o podemos mover, com a forte anestesia geral que tem».

Eu apertava febrilmente a cabeça entre as mãos e encontrava-me impotente para tomar qualquer resolução.

Por fim, o homem ergueu a cabeça e disse-me:

Eu era cumplice do bandido que queria inutilisar para sempre a felicidade desta pobre creança. Por dinheiro eu ia cometer um crime superior a mata-lo, o crime de o transformar num ser ridiculo e perdido para sempre.

Aceito o castigo do acaso. Será o meu sangue que o irá salvar.

E, cravando numa veia a agulha da seringa que acabaramos de comprar, acrescentou:

Queira puxar o embolo, até a seringa ficar completamente cheia de sangue, uma, duas, dez vezes...

* * *

O enfermeiro Castro regressou ao Porto, e o pequeno Guilherme, recebeu esta manhã uma carta, com um cheque de 5 contos, ao portador, sobre o Banco Ultramarino. A carta dizia assim.

Menino Guilherme.

Parto hoje para o Porto, e como sei que já ontem se levantou, não precisará mais dos meus serviços. Que agora em pouco tempo se ponha rijo e bom, é o que do coração lhe desejo.

Juntamente, lhe envio esse dinheiro, que não é meu, mas que um bemfeitor por meu intermedio faz chegar ás mãos da sua mãesinha.

Disponha sempre, pela vida fóra, dum amigo seu, que o será sempre.

Joaquim S. de Castro.
enfermeiro

O Reporter Misterio

XADRÊS

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado. Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 2

J. Kulciky
Primeiro premio (Budapesth)

Pretas (9)

Brancas (11)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

—

Solução do Problema n.º 1.

C (de 1 B) — 3 D (10 Variantes)

Coadjuvado por F. Bonner Feast o notavel critico do problema Alain C. White acaba de enriquecer a literatura do xadrês com a sua obra «Simple Two-move themes» de grande utilidade para os estudiosos.

No gremio literario está-se realisando um torneio com os seguintes concorrentes: dr. Antonio de Menezes, Eduardo Pellen, F. da Silveira, dr. Mario Pereira Machado, Almirante Torcato Machado, R. Empis, J. Roure, dr. Antonio Osorio, Domingos Centeno, Roque de Arriaga, M. Dourado, Costa Nearcos, Antonio Maria Pires, dr. Antonio Joyce, major Andrêa Ferreira, F. de Almeida, Valeriano Pires, A. V. Ferreira, G. Mendes, F. Frick, A. Fernandes, F. Mendonça, C. M. de Vasconcelos, dr. João Maria da Costa, dr. Damas Móra, Azevedo, Ministro de Cuba.

Já houve tres torneios neste Gremio. O primeiro em 1908 no qual fôram classificados 1.º Luiz Mascarenhas, 2.º Antonio Pereira Machado, 3.º Julio Maria Baptista, 4.º dr. Fragoso Tavares, 5.º R. Silley e 6.º A. Ramel.

O segundo em 1910; classificados, 1.º ex-æquo Antonio Pereira Machado e R. Silley, 2.º Luiz Mascarenhas, 3.º dr. João Maria da Costa, 4.º A. Ramel e 5.º R. Shore, O terceiro em 1911, classificados 1.º Antonio Maria Pires. 2.º drt João Maria da Costa, 3.º R. Silley, 4.º Mario Pereira Machado, 5.º A. Ramel, 6.º Jeaquim Lobo de Avila da Graça, 7.º Oliveira Santos e 8.º Alberto Veiga. Tambem houve uma tentativa para o campeonato de Portugal, sendo o 1.º classificado Antonio Maria Pires.

ENIGMA

É comprido, doze letras
O meu todo ao todo tem,
Seis vogaes, seis consoantes,
Cinco silabas tambem.

Tercia, quarta, quinta e sexta
p'la setima terminada,
Cousa torta, se está frouxa,
Direita, quando esticada.

As mesmas letras formando
Com a nona em vez da quarta,
É coisa que dá calor
Áqueles que a tem á farta.

Prima, segunda e oitava,
Com a setima a fechar,
Quando se bebe a ferver
É boa para refrescar.

Juntando primeira e decima
Com a decima primeira
E fechando com a setima,
Constelação, sem canceira.

Mais não digo. Os campeões
procurando com disvelo
Encontrarão no conceito
Uma especie de martelo.

Beja — SOR-VAR

CHARADAS EM FRASE

Na egreja de Beça, S. Bartolomeu tem uma capa de palha.—2—1.

Porto — D. ESSEJÊ

* * *

Aqui não se joga a bola, dentro da Egreja.—1—2.

LUA DO MAR.

* * *

LOGOGRIFO

Sobre um belo soneto do mimoso poeta Henrique Paço d'Arcos (filho)

Saudades o que são ? São cinzas frias
Que foram fogo e luz no *coração*;—15—11—12—14—5.
Mas cinzas *tristes*, palidas, sombrias—2—3—14—3—5—7—15—4.
Sepultadas no fundo dum vulcão.

Que são saudades ? Sombras fugidias
Que em vão tentamos alcançar, em vão !
Sombras errantes *pelas noites* frias—8—9—2—13—15.
Nos *recantos* sem luz do coração.—15—7—1—2—5—16.

Saudade é fumo que uma brisa ondeia
Saudades, sombras doutros ser's de alem
Ondas mortas rojando-se na areia.

Vento triste que chora por alguem;—10—3—6—7—14—9.
Saudade a nevoa que hoje me rodeia,
Sombras perdidas, sombras sem ninguem.

Monção — M. GONÇALVES RIBEIRO (MAJOGORI)

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director, a quem assiste o direito de regeitar todas as produções que julgue imperfeitas.

— Só se publicam enigmas e charadas em frase, logogrifos e pitorescos, estes bem desenhados em papel liso e tinta da China.

— Os originais, quer sejam ou não publicados, não se restituem.

— É conferido o QUADRO DE HONRA a quem envie todas as decifrações exatas, entregues nesta redacção até cinco dias após a saída dos respectivos numeros.

Jogo das Damas

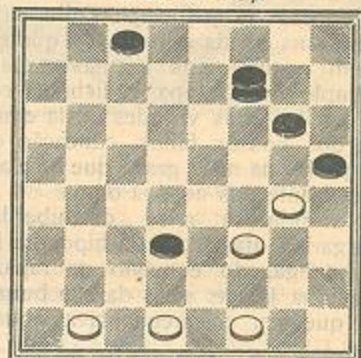
Solução do problema n.º 1

Brancas	Pretas
19-24	28-19
10-15	3-14-27
15-24-31 faz Dama e ganha.	

Esta numeração é a das casas pretas contadas sempre da esquerda para a direita, do lado das Brancas para o das Pretas.

PROBLEMA N.º 2

(De J. Eloy Nunes Cardozo)

Pretas 1 D -1- 4 p.

Brancas 5 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», *secção do Jogo das Damas*. Dirige a secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

Carta de Paris

A proposito da moda

É evidente que as nossas leitoras não veem ao nosso jornal—apesar da sua informação ser sempre a mais em dia—procurar ideias para os seus vestidos. Nem a indole do nosso semanario é propria para isso, nem teriamos espaço para reproduzir os modelos que em tão grande numero são creados em Paris. Assim, esta «Pagina feminina», quanto a modas, dirá apenas a ultima — ou até a futura — novidade em vestuarios para senhoras. Daremos apenas a informação ou, quando muito, a sugestão. Parece-nos isto mais pratico. Assim, muitas vezes, encontrarão aqui, não as ideias, que chegaram de Paris até nós dois mezes depois, mas a ultima nota pitoresca de que se falou na capital franceza na semana anterior. Sucede a miude que essa nota se nos afigura extravagante. Mas a verdade é que, na maior parte das vezes, o que hoje nos parece espantoso é, passado tempo, coisa corriqueira.

Aqui temos, por exemplo, a ultima transformação de que se fala em Paris e que surgiu realisada numa recente peça, no teatro Sarah Bernardt: os vestidos «Mac-Mahon», de que demos uma amostra no nosso ultimo numero. A' primeira vista esses vestidos «drapés» e de *tournures*, cuja graça um pouco antiga vae decerto influenciar os novos modelos, causam espanto. Mas, pensando bem, não haverá razão para isso, visto como esses vestidos hoje em dia não serão feitos com os damascos e os veludos com que eram compostos antigamente, e portanto não assumirão aquelle aspecto imponente que era tão admirado pelos nossos avós. Não. Agora serão feitos com tecidos infinitamente maleaveis, se bem que sumptuosos e muito artisticos, que conservarão a graça hoje exigida e deixarão adivinhar o espirito da perna.

Sim. Nós acreditamos piamente que as mulheres nunca mais consentirão em guardar para si, como as nossas avós, os tesouros da sua belesa. As mulheres d'hoje habituaram-se por tal forma, a mostrar—ou pelo menos a realçar—as graças da sua pessoa, que não teriam coragem para as encobrir totalmente com crinolinas e complicações.

Entretanto, na proxima primavera não deixará de travar-se uma renhida lucta. Porque os vestidos *Mac-Mahon* encontrarão pela frente as saias enroladas á turca, que, diz-se, devem aparecer brevemente e que vão, decerto, fazer sucesso. Estas serão, certamente, menos volumosas do que aquelles. Todavia, dada a graça de cada uma destas, é difficil predizer a qual dellas caberá a victoria.

A educação das creanças

E' uma grave questão esta da educação dos filhos. A maior parte das mães, diz Gina Lombroso, a grande educadora italiana, confunde a *educação* com o *amor* e d'ahi consequencias as mais funestas. Julgam que educar os filhos é amal-os, torna-los felizes, instruil-os, fortifical-os, quando a verdade é que estas coisas são muito diversas, pois a creança sabe o que não quer, mas não sabe o que quer; aspira a não obedecer, mas não sabe dirigir-se por si só;—ignora até onde o levam os seus caprichos e os seus desejos.

O desconhecimento destas ideias dá resultados pessimos, pois a creança amimada resulta n'um homem sem energia, o que é um perigo social. A vida duma creança é desde pela manhã até á noite cheia de pecadilhos. Constantemente ella encontra deante de si as realidades da existencia e cômo não comprehende a razão porque nem tudo se dobra aos seus desejos, reage com as diversas facetas do seu caracter, quer pela mentira, quer pela colera, quer pela preguiça.

E' necessario, pois, que a mãe o leve a não mentir, a não se encolerisar, a não ter preguiça. E a forma de o conseguir não é nem ralhar constantemente, nem procurar persuadil-o com mimos ou promessas, enganando-o por sua vez. Consegue-se isso tratando-o com dignidade, mas tambem com severidade. E' preciso que a educadora nem lhe minta e o obrigue á verdade, nem se encolerise e, portanto, não lhe provocando a reacção, nem afrouxe na vigilancia daquillo que lhe manda fazer.

Procedendo assim e lembrando-se do velho adagio latino *Qui bene amat, bene castigat*, que está traduzido em velho portuguez pela frase bem conhecida de que *quem dá o pão, dá o ensino*, a mãe avisada e intelligente educará com perfeição os seus filhos e fará d'elles creaturas sãs e proprias para a lucta da vida.

Um escrupulo singular

Uma empreza cinematografica americana está realisando neste momento na Italia uma fita intitulada *Ben-Hur* e foi um celebre ensaiador Fred Niblo que, com um grupo de artistas conhecidos, assumiu a pesada tarefa de realisar esta formidavel reconstituição de costumes antigos. A artista Carmel Myers interpreta nesta fita um papel d'uma mulher de encantos perigosos. No instante em que ella se preparava para fazer uma das scenas em que põe em pratica multiplas seduções afim de fazer esquecer a Navarro os deveres sagrados que lhe incumbem, Fred Niblo perplexo, fez signal aos operadores para que parassem. Considerando a artista demasiadamente arrebicada, coçou a cabeça e exprimiu as suas hesitações:

—Na antiguidade as mulheres fataes usariam tantos arrebiques como usam as mulheres d'hoje?

Os assistentes confessaram a sua ignorancia e Fred Niblo, movido por um exigente escrupulo artistico, foi consultar um escriptor eminente, Diego Angeli, conhecido pelas suas obras historicas. Este compulsou gravemente os seus alfarrabios e entregeu a Fred um relatorio pormenorisado, explicando que ha mui pouca differença entre a *maquillage* das gregas ou romanas e a das actuaes *coquettes*.

—Na antiguidade, diz elle, as mulheres usavam, como as dos nossos dias, variados artificios para fazerem realçar a beleza. Sapatos de tacão alto, cabelos postiços, cabelos tingidos, vermelhão *(rouge)* nos labios e nas faces, pó d'arroz, negro para as pestanas e sobrancelhas, unhas rosadas nas mãos e nos pés e variadissimos perfumes desconhecidos hoje para nós.

Tranquilisado, Fred decidiu-se a fazer a scena da sedução e pediu a Carmel Myers que não hesitasse em reforçar a sua *maquillage*. Não ha pequenos detalhes para um ensaiador consciencioso.

Um colar de perolas gratis

O sonho de toda a rapariga e de toda a mulher é poder passar em redor do pescoço um belo fio de perolas. Quantos sacrificios representa muitas vezes o lindo colar de perolas que comtemplamos na garganta de numerosas senhoras! Pois agora é relativamente facil conseguir um, explendido, de valor superior a 4 contos de reis. Basta entrar no sorteio lançado ha dias pela *Perfumaria da Moda*, rua do Carmo, 5 e 7, comprando ali uma caixa do incomparavel *Pó d'arroz Marya*. Com ella recebe-se um numero e no proximo dia 28 será o sorteio. A quem caberá o belo colar de perolas?

A receita d'hoje: Dôce de castanhas

Coser e esmagar bem um kilo de castanhas, depois de lhe haver tirado cuidadosamente as duas peles. Deitar n'este *purée* dois copos de leite adoçado e que tenha um pouco de baunilha. Bater até ficarem em flocos de neve, seis claras d'ovos, ás quaes se misturam seis colheres das de sopa, de assucar branco em pó. Incorporal-as ás castanhas, misturando tudo, bem misturado. Pôr a preparação n'uma fôrma untada com caramelo. Coser a lume brando durante cerca de uma hora e meia. Deitar em torno um créme liquido, no qual se tenham utilisado as seis gemas dos ovos.

O leque e a moda

Muito sóbria no seu vestuario de passeio, a mulher moderna assume toda a sua feminina seducção na *toilette* da noite completada com lindos acessorios. Qualquer que seja o seu vestido, um delicado leque lhe completa a harmonia. Na nossa gravura vêm-se alguns dos typos de leque agora em uso em Paris.

CELIMÉNE

OS GRANDES LEQUES DA MODA

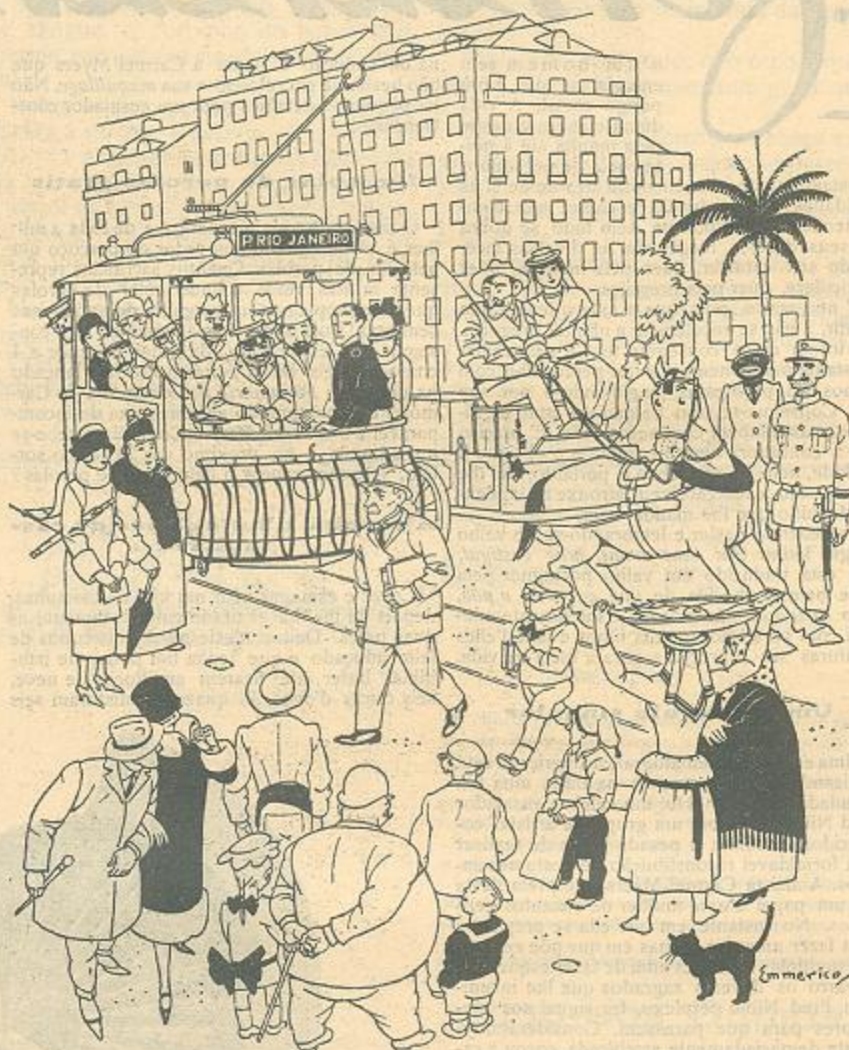
Leques de «paradis», de brocado, de plumas, de «aigrettes», de tudo... As maiores fantasias aparecem, sob o nome leques, nas mãos das parisienses «chics».

O MISTERIO DA PARTIDA DE GAGO COUTINHO PARA O BRAZIL

ARTUR PORTELA

JORNALISTA BRILHANTE DA NOVISSIMA GERAÇÃO, QUE REPENTINAMENTE MARCOU DUMA FORMA NOTAVEL O SEU LUGAR NA IMPRENSA DIARIA E COLABORARÁ COM A ELEGANCIA DA SUA PROSA NAS COLUNAS DE «O DOMINGO ILUSRADO»

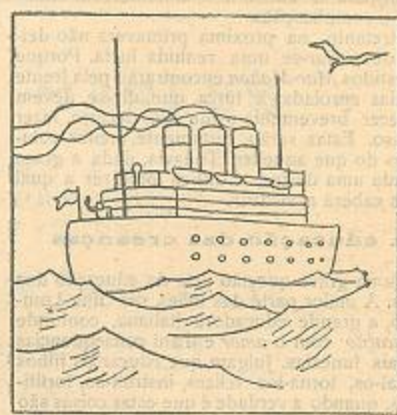
(Des. inedito de Emmerico Nunes)

LUISA SATANELA

A BRILHANTE E ENCANTADORA ACTRIZ DE OPERETA QUE VAI ARBITRAR O SENSACIONAL DESAFIO DE FOOT-BALL ENTRE AUCTORES E ACTORES, NUMA FESTA PROMOVIDA PELA ASSOCIAÇÃO DE CLASSE DOS TRABALHADORES DE TEATRO. NA QUAL HAVERÁ ASPESCTOS INEDITOS

Gago Coutinho «raspou-se» para o Brasil. Porqué? Em viagem de recreio, dizem. Qual recreio... Soêgo! O desgraçadissimo Heroe. que é a pessôa mais pacata deste mundo, vivendo com a sua creada preta ao bairro da Esperança e jogando o seu xadrês no Gremio, passa em Lisboa torturas. E' a maior victima da curiosidade; sofre a asfixia da gloria. Ei-lo que passa na rua: todos os olhos, até os do cavalo, lhe pesam em cima...

Vae a casa buscar um casaco e entra para um electrico, para passar despercebido...

Mas aqui mesmo com a gola para cima toda a gente o conhece, o observa e persegue...

Foge, corre como louco... mas até um galego que o vê: Caramba! xô Gago Coutinho, leva fogo nos flutuadores...

Uff! A caminho do Brazil. Afinal ele fez a gloriosa travessia do atlantico para estar sósinho um bocado...

PUBLICIDADE

COMPANHIA DE SEGUROS

"A EUROPA"

RUA AUGUSTA, 188 — LISBOA

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Impecavel rigor e rapidez nas suas liquidações.

UM EXITO DE LIVRARIA

LEITÃO DE BARROS

ELEMENTOS DE HISTORIA DA ARTE

(LIVRO UTILISSIMO A TODOS)

4.º MILHAR Á VENDA

Pedidos á PALETA D'OURO

RUA DO OURO, 72 — LISBOA

PAPELARIA CAMÕES

FORNECIMENTOS PARA A PROVINCIA, EM OTIMAS CONDIÇÕES DE TODOS OS ARTIGOS DE PAPELARIA, ARTE APLICADA E PINTURA

P. Luiz de Camões, 42 — LISBOA

Tapeçarias de Traz-os-Montes *(URROS)* L.DA

BREVEMENTE GRANDE EXPOSIÇÃO DOS PRIMEIROS PRODUCTOS DESTA NOVA FABRICA DE TAPETES E ESTOFOS. DESENHOS E FABRICO INTEIRAMENTE DIFERENTE DAS VULGARES TAPEÇARIAS REGIONAIS

BREVEMENTE NOVA REMESSA

DOS ULTIMOS MODELOS

LIGEIRO (STANDARD-SIX)
MEDIO (SPECIAL-SIX)

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS

C. SANTOS LTD.

R. NOVA DO ALMADA, 80, 2.º

PAPELARIA Paleta d'Ouro

RUA AUREA, 72 — LISBOA

COLOSSAL SORTIDO DAS ULTIMAS NOVIDADES DE PINTURA, DESENHO E ARTE APLICADA

PREÇOS SEM COMPETENCIA

DOS PAIS! AOS FILHOS!

O melhor presente são os quados da *HISTORIA DE PORTUGAL*, evocação das nossas grandesas passadas, tricromias sobre aguarelas dos grandes artisticas ROQUE GAMEIRO E ALBERTO SOUSA

EDIÇÕES PAULO GUEDES

PREVENÇÃO
A PIANOLA

É UM NOME REGISTADO EXCLUSIVO DA THE ACOLIAN C.º L.DT

São depositarios e representantes exclusivos

P. SANTOS & C.ª

SALÃO MOZART

52, R. Ivens, 54 — LISBOA

DR. ANTONIO DE MENEZES

Ex-assistente do Instituto para creanças aleijadas em Berlim-Dahlem

ORTHOPEDIA

Rachitismo — Tuberculose dos ossos e articulações — Deformidades e paralysias em creanças e adultos

ÁS 3 HORAS

AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º — LISBOA

TELEF. N. 908

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

LIVREIROS-EDITORES

TELE { *FONE O 1084* / *GRAMAS — LIBERTRAN — LISBOA* }

FORNECIMENTOS E INFORMAÇÕES DE TODAS AS PUBLICAÇÕES NACIONAES E ESTRANGEIRAS. NA VOLTA DO CORREIO SÃO ENVIAOS TODOS OS LIVROS QUE LHES SEJAM PEDIDOS, A COBRAR OU MEDIANTE A IMPORTANCIA ACRESCIDA DO PORTE

SEMPRE GRANDES STOCKS DE NOVIDADES NACIONAES E ESTRANGEIRAS

OS LIVROS EXTRANGEIROS SÃO VENDIDOS AO CAMBIO DO DIA!

Depositarios e correspondentes em todo o continente, colonias e estrangeiro

---

Guarda Roupa CRUZ

EXPLENDIDO STOCK TODO RENOVADO DE FATOS DE CARNAVAL

RUA DO MUNDO — LISBOA

Armazem e garage explendidos

ALUGA-SE BARATO

RUA DA EMENDA, 69, r/c., DIZ-SE

ANUNCIOS UTEIS

A publicidade tem de ser feita com inteligencia, senão é inutil a quem anuncia.

O «Domingo ilustrado» é um semanario que ha 4 mezes está instalando por todo o paiz as suas agencias e tem portanto uma enorme expansão desde o seu inicio. O *anuncio especialisado* é o mais util de todos. Assim, na *Pagina feminina* o anuncio que interessa ás senhoras; na pagina de desporto o anuncio que interessa aos «sportsmen» etc. etc.,

Fuja de anunciar no *cemiterio dos anuncios* que são as grandes paginas de anuncio dos periodicos diarios os quais têm a vida efemera dumas horas.

O «Domingo ilustrado» vae a toda a parte, guarda-se, está nos «clubs», nos barbeiros, nos consultorios, nos hoteis, encaderna-se, fica. Nas secções de *anuncios* especialisados cada linha custa a ridicularia de 10 centavos.

Banco Nacional Ultramarino

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE: — LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA: — LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 54:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.

FILIAIS NAS COLONIAS:

AFRICA OCIDENTAL: — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.

AFRICA ORIENTAL: — Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo.

INDIA: — Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India Inglesa).

CHINA: — Macau.

TIMOR: — Dilly.

FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

FILIAS NA EUROPA: — LONDRES 9 Bishopsgate E — PARIS 8 Rue du Helder.

AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS: — New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES ESTRANGEIROS

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS —
SEMESTRE - 24 ESC. —
TRIMESTRE - 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52x20 - SEMESTRE, 26x10
ESTRANGEIRO
ANO, 64x64 - SEMESTRE, 32x32

NÃO FAZ CAMPANHAS ~ PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA ~ NÃO TEM POLITICA

A chapa de ferro

Pela quarta vez gatunos internacionais assaltam audaciosamente a grande joalharia Lory do Rossio, perfurando o pavimento do 1.º andar e introduzindo-se no estabelecimento do lado. Uma chapa de ferro defendeu a casa, que contem cerca de 3.000 contos de joias

41